

Previsão de déficit menor

Klaus Kleber
de São Paulo

A queda do déficit em conta corrente promete ser o resultado mais brilhante a ser apresentado pela economia brasileira em 1999. Há uma expectativa generalizada de que as exportações sejam impulsionadas e as importações continuem em queda. É possível também que haja uma redução na conta de serviços como resultado de menores déficits nos itens juros, lucros e dividendos e viagens internacionais.

Fazer uma projeção a essa altura sobre qual poderá ser a configuração do balanço em conta corrente é arriscado, como todos os exercícios desse tipo. Mas vale a pena, como forma de analisar as possibilidades de a economia brasileira passar por uma recessão profunda neste ano, sofrer uma pequena queda do produto real ou mesmo, em circunstâncias excepcionais, apresentar um pequeno crescimento.

Tudo vai depender do impacto da desvalorização sobre as exporta-

ções. É verdade que, em um primeiro momento, quando ainda permanece a incerteza quanto à cotação do dólar, a influência sobre o movimento efetivo de exportação não é muito sensível. Como é tradicional, os exportadores não se apressam a fechar câmbio, quando as cotações da moeda estrangeira oscilam muito e, além disso, precisam de um certo tempo para conquistar clientes no exterior e às vezes adaptar a estrutura de suas empresas para uma maior presença no mercado externo. Assim, o efeito sobre as vendas externas só será mais pronunciado do segundo trimestre deste ano.

É preciso considerar, porém, que as exportações brasileiras foram muito deprimidas pela sobrevalorização do real. No ano passado, elas não passaram de US\$ 51,1 bilhões, 3,5% a menos do que no ano anterior (US\$ 52,9 bilhões), registrando a primeira queda desde 1990. Isso não foi resultado apenas do declínio das cotações de commodities no mercado internacional. As empresas brasileiras exportadoras de manufa-

turados e semi-manufaturados perderam mercado, que procurarão recuperar em 1999 e, em certa medida, avançar em certos setores.

Os exportadores não consideram irrealista prever que as vendas externas totais atinjam US\$ 56,2 bilhões neste ano, apresentando uma expansão de 10%. Atuam contra essa possibilidade, no entanto, o baixo crescimento do comércio mundial e a concorrência mais acirrada dos asiáticos.

Um crescimento dessa ordem das exportações não seria suficiente para produzir um superávit na conta de comércio se as importações se mantiverem no mesmo nível do ano passado (US\$ 57,5 bilhões). A opinião geral dos analistas, contudo, é que as compras no exterior devem cair bastante, embora seja muito difícil determinar quanto. Economistas do Citibank prevêem um recuo de 15% (com queda do PIB de 5%), a Fundação Instituto de Pesquisas (Fipe) da USP estima uma redução 8% (com queda do PIB de 2%).

(Continua na
página 2 do Relatório)